

# QUESTÕES PEDAGÓGICAS

---

## NOÇÕES DE NUMISMÁTICA IBÉRICA.

---

### I

#### NOÇÕES GERAIS.

*Resumo histórico da Península Ibérica. Divisão da Numismática espanhola. Algumas datas da história de Espanha. Nomes que aparecem nas moedas espanholas.*

#### RESUMO HISTÓRICO DA PENÍNSULA IBÉRICA.

Os povos que primeiro habitaram a península hispânica eram conhecidos dos antigos historiadores pela denominação genérica de *iberos*. A sua indústria era a dos povos primitivos, limitada e imperfeita e dos seus costumes singelos e da sua constituição política, pouco se pode dizer além do que referem Heródoto, Estrabão e Diodoro da Sicília; parece, porém, que fôra a constituição republicana, como naqueles remotos tempos se entendia, a que predominava entre as nações, aliás tribos guerreiras. Os *celtas* atravessaram os Pirineus e vieram travar guerra com os primeiros habitantes; a luta foi longa e tenaz; a raça vencida fundiu-se na outra e desta fusão resultou o *celtibero*. Mas os portos continuaram sujeitos a contínuas invasões e transformações de população. Os *fenícios* e *gregos*, povos comerciantes e empreendedores, vieram simultaneamente fundar várias colônias no litoral; não gozaram por muito tempo sôzinhos o domínio quase exclusivo de toda a costa. Os *cartagineses*, à fôrça de armas, conseguiram apossar-se sucessivamente das colônias dos gregos e dos fenícios, seus antepassados.

Entretanto, a forte nacionalidade romana conseguira vencer a sua implacável rival africana; ao valor refletido, ao sangue frio e à superioridade militar dos seus generais, cederam os arrojadados brios dos filhos de Cartago. Esta caiu e a sua sorte foi a de todos os estabelecimentos que a sua atividade comercial criara, incluídos desde então e contados nas extensas províncias do Império Romano. A Espanha, todavia, a Lusitânia, mais particularmente, não cedeu de modo tão fácil como se poderia supor; a raça púnica tinha-se identificado com a raça indígena e o amor de independência, manifestou-se larga e enérgicamente. Os *fenícios*, *gregos* e *cartagineses*, tinham limitado o seu domínio ao litoral; as suas relações com os

indígenas cingiam-se apenas às do interesse que do tráfico interno e da lavra das minas lhes resultava. Mas os romanos vinham dominar absolutamente, vinham impor as suas leis, os seus costumes, a sua religião, aos costumes, às leis e à religião indígena. E' por isso que o combate entre as duas nacionalidades foi tão porfiado. Os ferozes montanhesees do Hermínio, capitaneados por Viriato, por vêzes fizeram recuar as soberbas águias romanas; Sertório por muito tempo trouxe vacilante a fortuna do Império. Tudo cedeu, porém, e no govêrno de Augusto foi a Espanha constituída definitivamente em três grandes províncias: a *Lusitânia*, capital Mérida; a *Bética*, capital Córduba e a *Terraconense*, capital Tarraco.

A *Lusitânia* compreendia então quase tudo o que hoje chamamos Portugal e uma grande parte da Estremadura espanhola; esta província era separada da *Terraconense* pelo rio Douro e da *Bética* pelo Guadiana ou Ana. *Libora* sôbre o Tejo e *Augustobriga* (cidade de Rodrigo), eram os pontos mais orientais dos seus limites.

Foi no V século que os bárbaros do norte, sob as denominações de vândalos, suevos e visigodos, invadiram a península hispânica; o grande edificio da civilização romana, profundamente minado pela tirania dos imperadores e pela corrupção de costumes, estremecendo todo com as novas doutrinas que o cristianismo pregara, santificadas com o sangue dos mártires, ia cedendo aos golpes das robustas espadas dos conquistadores. A nova civilização apontava ainda lá muito ao longe; profundas trevas cobriam tôda a terra; havia apenas uma luz, débil e incerta que as tornava menos cerradas e que, apesar da ignorância e do fanatismo — êsses dois grandes inimigos do gênero humano — iluminava os povos; era o único laço que os prendia, que unia num mesmo pensamento tão diversas raças e tão desvairados interesses: era a fé. Foi a fé que os guiou nessa segunda infância do mundo, chamada Idade Média.

A *Lusitânia*, na divisão, coube aos suevos e êstes comandados por Ermerico, estabeleceram a sua capital em Braga, *Brachara Augusta*, uma das chancelarias ou conventos jurídicos na organização romana.

E' de então que data a introdução do Cristianismo na península e Braga foi, segundo a opinião de muitos historiadores, a primeira diocese das Espanhas e seu primeiro bispo, São Pedro de Rates.

Três séculos durou a denominação dos godos em Espanha; três largos séculos cortados de guerras e dissensões civis em que já pouco podia figurar a raça primitiva que parece dever estar já por êsse tempo quase extinta ou fundida na nacionalidade visigótica, que era o mesmo. Muitas foram as causas que tinham concorrido

para a queda do forte Império Romano; a falta da unidade nacional; as guerras, as humilhações provocadas pelos condes e barões senhores das terras e a traição do conde Juliano, governador da Tingitânia, trouxeram os árabes à Espanha. Tárique atravessa o estreito com os seus numerosos e disciplinados esquadrões. Rodrigo, o assassino de Vitiza, corre ao ponto atacado, mas era tarde; os mouros já se espalhavam como a lava impetuosa de um vulcão pela Espanha gótica e a batalha do Guadalete ou do Chrysus, foi o último estertor daquela monarquia de três séculos.

O resultado desta batalha vencida por Tárique a favor da traição do bispo Opas e de muitos outros condes, foi a completa dominação da Espanha; tudo cedeu ao ferro do conquistador, como à sua mais perfeita civilização, estando Portugal também compreendido nessa conquista. Todavia, lá nas montanhas das Astúrias, bruxuleava um raio de esperança; Pelaio, filho de Fávila, comanda os foragidos ao domínio árabe; o Deus dos exércitos não abandonava os cristãos e a batalha das Cangas de Onis foi o primeiro elo dessa cadeia de vitórias e de triúnfos que arrancaram novamente a Espanha cristã ao poder dos infiéis; luta tremenda que só devia terminar muitos séculos depois, no govêrno de Fernando e Isabel, com a entrada dêstes reis em Granada.

A conseqüência daquela quase milagrosa vitória foi a organização do pequeno reino das Astúrias, depois fundido nos de Oviedo e Leão. Por outro lado, Luís, rei da Aquitânia e filho de Carlos, o Magno, derrotara os mouros em França e perseguindo-os além dos Pirineus, conquistara-lhes Pamplona em 806, organizando uma província que denominara *Gothia* e que depois se constituiu no reino de Navarra, independente por mais de quinhentos anos. Contudo, apesar dessas vantagens, a sorte dos cristãos seria ainda mesquinha, não fôsem as guerras civis que, destruindo a unidade muçulmana, dividiram a Espanha árabe em pequenos Estados independentes, dando assim a divisão das suas fôrças lugar a serem batidos parcialmente pelos cristãos, que a desgraça ensinara a aproveitar tôdas as ocasiões favoráveis de engrandecer o seu ainda minguaudo poder. Afonso VI trouxe mesmo as suas armas vitoriosas à antiga Lusitânia, que já então perdera tal denominação pela de Portugal, que hoje tem, e fêz do Tejo fronteira do seu império.

Este é um breve resumo da história da península até a fundação da monarquia portuguesa.

#### DIVISÃO DA NUMISMÁTICA ESPANHOLA.

O conhecimento da moeda chegou à Espanha no século VI a. C. por intermédio dos gregos, embora a cunhagem na Península só tives-

se início no século IV a. C.; as primeiras cunhagens foram realizadas nas colônias gregas de Rosas e Emporion (Astúrias) e um século depois, eram lavradas as primitivas moedas ibéricas e púnicas, seguindo-se depois sua expansão a outras muitas populações sujeitas ao domínio romano.

Os metais amoeados eram a prata e o cobre. Com o Império de Calígula, desapareceu por completo a cunhagem da moeda colonial e autônoma da Espanha, só reaparecendo depois com os suevos e visigodos, os quais pela primeira vez cunhavam moeda em outro nacional na Península, embora ao tempo de Augusto, Galba, Vespasiano e Adriano, já se tivessem cunhado os *aureos* na Espanha, mas de maneira transitória e em nome dos imperadores romanos, como se fôsem lavrados na própria Roma.

As moedas antigas da Espanha devem ser classificadas pelos caracteres de suas legendas, podendo assim ser distribuídas:

Hispano-helênicas.

Hispano-fenícias.

Ibéricas.

Hispano-latinas.

Mas como esta classificação obriga a separar em diversos grupos numerosas peças de grande semelhança e da mesma procedência local, os numismatas adotem o sistema alfabético geral dos povos, em cujo nome se lavraram as moedas e para cada povo classificam as peças por seus idiomas sucessivos e sua cronologia provável.

Conseqüentemente, pode-se dividir a *Numismática espanhola* da Idade Antiga, em duas partes ou secções principais:

Moedas pré-romanas.

Moedas hispano-romanas.

Cada uma destas secções forma séries caracterizadas por seus tipos e pelas línguas que apresentam suas epigrafias.

As moedas espanholas da Idade Média, precedendo as arábico-hispânicas, dividem-se em:

Suevas.

Visigodas.

Hispano-cristãs da reconquista.

e estas por sua vez em:

Catalãs.

Aragonesas.

Valencianas.

Maiorquinas.  
Navarras.  
Castelhanas.

As moedas catalãs subdividem-se em:

Carolíngias.  
Condais.  
Reais.  
Locais ou municipais.

As moedas aragonesas dividem-se em peninsulares e nas pertencentes aos Estados dependentes da Corôa de Aragão.

As da Idade Moderna, são englobadas numa secção geral compreendendo moedas regionais, coloniais, etc.

#### ALGUMAS DATAS DA HISTÓRIA ESPANHOLA.

Estabelecimento dos fenícios .....	1400 a. C.
Idem dos cartagineses .....	501 "
Destruição de Sagunto .....	219 "
Chegada dos romanos .....	218 "
Destruição de Numância .....	133 "
Estabelecimento dos godos na Espanha .....	414 d. C.
Invasão da Espanha pelos árabes .....	711 "
Princípio da reconquista e do reino das Astúrias .....	718 "
Idem do Emirato de Córdoba independente .....	756 "
Idem do Condado independente de Barcelona .....	874 "
Idem do Reino de Navarra .....	905 "
Idem do Califado de Córdoba .....	912 "
Idem do Reino de Leão .....	914 "
Dissolução do Califado de Córdoba .....	1031 "
Princípio do Reino de Aragão .....	1035 "
Conquista de Toledo .....	1085 "
Conquista de Saragoça .....	1118 "
União de Aragão e Catalunha .....	1137 "
Princípio do Reino de Portugal .....	1139 "
Conquista de Maiorca .....	1129 "
União definitiva de Leão e Castela .....	1230 "
Conquista de Córdoba por São Fernando .....	1236 "
Idem de Valência .....	1238 "
Idem de Sevilha .....	1248 "
Conquista de Granada .....	1492 "
Descobrimto da América por Colombo .....	1492 "
Princípio do reinado da Casa da Austria .....	1517 "
Idem do reinado da Casa de Bourbon .....	1700 "
Revolução espanhola .....	1868 "
Proclamação da primeira República, a 11 de fevereiro ..	1873 "
Restauração da monarquia .....	1874 "
Proclamação da segunda República, 14 de abril .....	1931 "
Idem da nova Constituição, 9 de dezembro .....	1931 "

NOMES QUE APARECEM NAS MOEDAS DE ESPANHA.

Os seguintes nomes que aparecem nas moedas de Espanha significam que tais moedas foram cunhadas por concessão dos primeiros dois imperadores romanos ou do governo primitivo, antes da conquista dos romanos. Convém esclarecer, porém, que estas últimas, em sua maior parte, continuam sendo estudadas pelos numismatas, porque os caracteres de suas inscrições e legendas ainda não foram perfeitamente esclarecidas.

A

*Andera*, cidade do arcebispado de Granada, onde hoje se localiza a cidade marítima de Adra.

*Acci*, colônia romana não longe de *Guadiz*, hoje Guadix, na Andalusia.

*Acinipo*, cidade situada na Bética, entre o Guadalquivir e o Guadiana.

*Amba*, desconhecem-se as origens.

*Antikaria*, ignora-se a situação.

*Aria*, não foi possível até hoje localizar.

*Asido*, colônia romana, hoje Xeres de la Frontera.

*Astepa*, desconhecem-se as origens.

B

*Bailo*, não há certeza de sua localização.

*Balbilis*, povoação nas proximidades de Calatayud, província de Saragoça.

C

*Caesar Augusta*, hoje Saragoça.

*Calagurris*, hoje Calahorra (Calagurris Nassica), cidade de Espanha (Castela-a-Velha), na província de Lagroño.

*Calense*, ignora-se a localização.

*Carbula*, situava-se no convento jurídico de Corduba, não longe da vila de Palmas.

*Carisa*, ainda hoje conserva o nome

*Carmo*, denomina-se nos tempos modernos *Carmona*, na província da Andalusia.

*Carteia*, colônia romana junto a Calpe. Antigo nome do rochedo de Gibraltar e da povoação construída nas suas vertentes.

*Cartago Nova*, Cartagena, na província de Mursa (Mediterrâneo). Tomada pelos romanos, foi a cidade mais importante de Espanha até às incursões bárbaras.

*Cascatum*, depois Cascante, no reino de Navarra.

*Castulo*, depois Cazlona.

*Caura*, nos tempos modernos Coria, próximo de Sevilha.

*Celsa*, colônia romana, depois Xelsa, nas proximidades de Saragoça.

*Celti*, na Serra Morena, onde hoje se localiza Puebla de los infantes, no termo de Penaflor.

*Ceret*, desconhecida sua localização.

*Clunia*, colônia romana ao ocidente de Osmá, entre Corunha e Peñalba (antiga Tarraconeza, no país dos Aravacos).

<i>Corduba</i>	}	<i>Cordova</i>
<i>Colonia</i>		
<i>Patricia</i>		

#### D

*Dertoza*, antiga cidade dos romanos, hoje Tortoza.

#### E

*Ebora* ou *Liberalitas Julia*, hoje Évora, cidade portuguesa.

*Elepla*, localização desconhecida.

*Emerita* (Extremadura, província de Badajós), fundada como colônia para veteranos romanos (*emereti*) e chamada *Augusta Emerita*, de onde lhe vem o nome que hoje tem, *Mérida*.

*Emporiae*, província de Gerona, hoje Ampúrias, foi cidade muito florescente no tempo dos romanos.

*Epagro*, local até hoje desconhecido.

*Ergavica* (Velha Castela), junto ao rio Guadiela, um dos braços do rio Tejo, hoje denominada Santander.

#### G

*Gades* (Cadix, em espanhol Cádiz). A origem de Cádiz é muito antiga, remontando aos fenícios que lhe chamavam *Gadir*; ocupada pelos cartagineses, caiu em poder dos romanos que a denominaram *Gades* e mais tarde *Julia Augusta Gaditana*.

*Gili*, até hoje desconhecida.

#### H

*Hibera* ou *Ibergaronia*, ainda hoje impossível de localizar.

#### I

*Ilerda*, local desconhecido.

*Iliberis*, desconhece-se a localização.

*Ilici* ou *Elici*, antiga colônia romana nas margens do rio Vinalope.

*Ilipense*, Cantilana, próximo de Sevilha.

*Ilipia*, lugar desconhecido.

*Ilarco*, no bispado de Elibri, onde hoje se localiza Puente de Pinos.

*Irippo*, cidade hoje desconhecida.

*Italica*, cidade da Espanha antiga (Bética), sobre o Betis, fundada por Cipião-o-Africano. Pátria dos imperadores Trajano, Adriano e Teodósio. Hoje, Sevilha-a-Velha.

*Ituci*, colônia que pertencia ao convento Astigitano.

#### J

*Julia*, colônia romana.

*Julia Traducta*, desconhece-se a localização.

L

*Laelia* } lugares desconhecidos.  
*Lastigi* }  
*Liberalitas Julia*, Évora.  
*Lont*, *Olont* e *Olunt*, parece serem sinônimos, não havendo certeza na sua localização.

M

*Merobriga*, São Tiago de Cacem, vila de Portugal, localizada na Extremadura. A vila foi colônia romana desde 38 a. C., até 405 de nossa era, quando passou ao domínio dos godos. Depois de passar por várias vicissitudes, foi definitivamente incorporada pelas armas cristãs no domínio português no século XIII.

*Munda*, cidade da Espanha antiga (Bética), nos Bástulos cartagineses, hoje *Ciudad-Rondo*. No ano 44 a. C., vitória de César sobre os filhos de Pompeu, Cneio e Sexto, que depois da derrota de seu pai, ficaram senhores da África. A vitória ficou por muito tempo indecisa; César correu grande risco. Dizia depois *que em tôdas as ocasiões tinha combatido pela glória, mas que em Munda, tinha combatido pela vida*. Cneio caiu morto no campo de batalha e Sexto fugiu para as montanhas de Celtibéria.

*Murgi*, depois Mujacara, no reino de Granada.

N

*Nebrisa*, localidade desconhecida.

*Nema*, impossível a localização.

O

*Obulco*, depois Porcona, próximo a Cordoba.

*Olont* } ver *Lont*.

*Olunt* }

*Onuba*, Huelva, cidade de Espanha em frente à ilha de Saltes, na Bética.

*Oripo*, *Dos Hermanas*, próximo a Sevilha.

*Orso*, depois *Colonia Juliae Genetiva*, hoje Osuna ou Ossuna, na Andalusia. Têm sido feitas em Ossuna importantes descobertas arqueológicas; em 1870-1871, descobriram-se tábuas de bronze interessantes para o conhecimento do regime municipal romano: a *lex coloniae Genitivae Urbanorum* ou *Ursonis*, dada por César em 44 a. C.

*Osca*, antiga cidade de Espanha, hoje Huelva.

*Oset*, povoação pouco conhecida, mas que se presume seja próximo de Sevilha.

*Osicerda*, lugar desconhecido.

*Osonoba* ou *Ossonoba*, depois *Estoi*, na freguesia do termo de Faro, província do Algarve, em Portugal.

*Ostar*, desconhece-se a localização.

P

*Patricia*, colônia, Córdoba ou Córdoba; nas moedas vemos algumas vezes a indicação *Patricia* e em outras *Corduba*.



*Pax Julia*, hoje Beja (Portugal). Os romanos fizeram dela uma das principais cidades da Lusitânia, dando-lhe o nome de *Paca* ou *Pax Julia*. Estava compreendida no antigo direito itálico e era uma das *relações* (convento jurídico) de Espanha. Foi sede de uma das quatro chancelarias em que Augusto dividiu a Lusitânia (24 a. C.) e uma das três comarcas criadas por Tito no ano 75 da nossa era.

R

*Romula* ou *Colonia Romulensis*, hoje Sévilha.

S

*Sacili*, cidade desconhecida.

nha (Andalusia). Searo pertencia à chancelaria de Sevilha.

*Sagunto*, cidade da Espanha antiga (Tarragonesa), fundada por uma colônia de gregos de mistura com rútuos. Tomada no ano 219 a. C. por Anibal, foi quase destruída. Os romanos reconstruíram-na cinco anos depois. No seu lugar levanta-se hoje a cidade de Murviedro.

*Salacia*, hoje *Alcacer do Sal*. É povoação muito antiga, anterior ao domínio dos romanos que lhe chamavam *Salacia*. Foi conquistada aos mouros em 1150, por D. Afonso Henriques, o fundador da monarquia portuguesa.

*Salpesa*, localização duvidosa.

*Searo*, estava situada nos campos de *Utréra*, hoje vila de Espanha (Andalusia). Searo pertencia à chancelaria de Sevilha.

*Segobriga*, cidade da Espanha antiga (Tarragonense) entre os edetanos. Hoje denomina-se Segórbia.

*Segovia*, cidade da Espanha (Castela-Velha).

T

*Tarracc*, colônia, hoje Tarragona, cidade e pôrto da Espanha.

*Toletum*, hoje Toledo, cidade da Espanha, capital da província do mesmo nome, Castela-a-Nova, à margem esquerda do rio Tejo. Toledo, capital dos *Carpetani*, foi conquistada no século II pelos romanos que lhe chamaram *Toletum*.

*Traducta*, desconhece-se a localização.

*Turiaso*, hoje Tarazona, província de Saragoça.

U

*Ulía*, onde hoje se encontra *Monte Maior*, nas proximidades de Córdoba.

*Urei*, desconhece-se a localização.

V

*Valentia*, hoje Valência; antigamente fazia parte do território dos edetani, quando os cartagineses e depois os romanos dela se apoderaram.

*Ventippo*, situada onde hoje está Casaliche, entre as vidas de Estrepa e Puente de Dom Gonzalo.

## II

### IDADE ANTIGA.

*Moedas pré-romanas, hispano-romanas e suas subdivisões. Moedas ibero-romanas. Moedas romano-fenícias. Moedas líbio-fenícias. Moedas hispano-latinas da República Romana.*

Os grupos principais em que se distribuem as moedas da Idade Antiga, têm uma digna representação na numismática espanhola pela colonização e as invasões que se realizaram em solo na península e pela cunhagem feita por povos adventícios; não obstante, não podemos esquecer ter havido em Espanha um numerário indígena e especial que se chamou *ibérico*, pelo alfabeto usado e pelos tipos que distinguem suas moedas.

As variadas séries de moedas hispânicas que deram origem a êstes fatos históricos constituem por sua vez duas secções principais:

Moedas pré-romanas.  
Moedas hispano-romanas.

As peças da primeira estão baseadas no sistema grego e as da segunda, no romano.

O ponto capital da divisão entre elas é a data em que as legiões romanas desembarcaram pela primeira vez em território espanhol (218 a. C.), quando ainda as séries gregas e fenícias circulavam, o que se prolongou por algum tempo dentro da civilização romana.

#### SÉRIE PRÉ-ROMANA.

Esta moedagem divide-se em quatro partes:

Moedas da série grega.  
Moedas da série greco-ibérica.  
Moedas cartaginesas.  
Moedas púnico-fenícias.

*Moedas da série grega.*

A julgar pelas moedas que até nós chegaram, esta série limitou-se às colônias gregas de Ampúrias e Rosas.



Fig. 1. — MOEDAS CELTIBÉRICAS.

- |                                   |  |
|-----------------------------------|--|
| 1. — <i>Emporiae</i> , Ampúrias.  | 4. — <i>Bracara</i> , Braga.               |
| 2. — <i>Segobriga</i> , Segórbia. | 5. — <i>Segisama</i> , terra dos Vaceanos. |
| 3. — <i>Barcino</i> , Barcelona.  | 6. — <i>Emporiae</i> , Ampúrias.           |

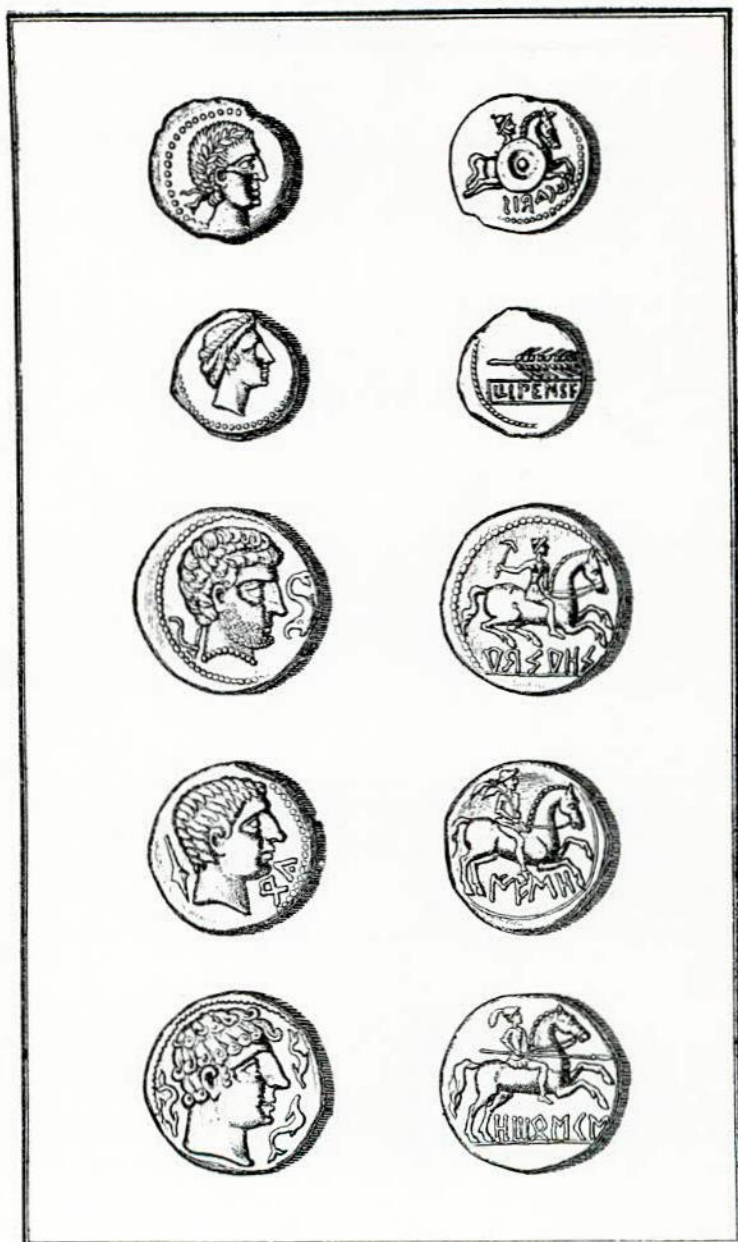


Fig. 2. — MOEDAS CELTIBÉRICAS.

1. — *Carisa*, ainda hoje conserva o nome.
2. — *Ilipense*, Cantilana, próximo a Sevilha.
3. — *Bursada*, celtibérica.
4. — *Hemeroscopium*, outrora Hemeroscopium Dianium. Vila e pôrto de Espanha (Valência, provincia de Alicante) no Mediterrâneo, muito florescente durante o domínio árabe.
5. — *Ileosca*, Huesca, vila de Espanha (Aragão). E' a *Osca* dos íberos .

As moedas desta série são de prata, *dracmas* ou divisões da *dracma* segundo Lenormant, que diz pertencer esta série ao sistema olímpico ou ocidental; Zobel, acredita tenham elas pertencido ao sistema púnico e Babelon, conjuntamente com Head, fazem-na pertencer ao sistema fenício.

Só é conhecido um exemplar extremamente raro desta série, em cobre, com o tipo idêntico às moedas de prata.

As moedas de Rosas parecem ser as mais antigas; o tipo no anverso traz a cabeça da ninfa Aretusa e no reverso a rosa silvestre aberta e como legenda: *Poahton* (*Rodeton*, que significa de Rodes).

#### *Moedas da série greco-ibérica.*

E' constituída de moedas com legendas ibéricas, porém, baseadas no sistema grego e cujos tipos são procedentes da Grécia. Foram quase tôdas lavradas em Sagunto ou em sua região, antes da tomada da cidade pelos cartagineses (219 a. C.), sendo quase tôdas de prata.

Os tipos destas moedas consistem em uma cabeça varonil, talvez Hércules, no anverso e no reverso a figura de um minotauro.

#### *Moedas cartaginesas.*

Compreende um conjunto de moedas de prata e algumas de cobre, provàvelmente cunhadas em Cartagena.

Por sua origem, distinguem-se com o nome de *Barkidas* ou hispano-cartaginesas e pela sua arte aproximam-se do estilo grego, modeladas pelas de Cartago.

O pêso de sua *dracma* é o fenício e seus tipos seriam em princípio uma cópia das moedas cartaginesas.

No anverso apresentam a cabeça de Hércules e no reverso tipos africanos: cavalo, elefante, etc.

Tôda a epigrafia e em tudo mais, no reverso nota-se sempre uma letra fenícia.

#### *Moedas da série púnico-fenícias.*

Esta série, também conhecida por *fenícia*, compreende no que têm de *pré-romana*, sòmente as moedas autônomas das colônias fenícias de Gadir (Cádiz) e Ebusos (Ibiza), do sistema grego, lavradas com tipos gregos, mas com legendas púnicas e algumas vêzes sem apresentação de legenda.

Tanto numas, como noutras, observam-se pequenos símbolos e letras isoladas, correspondendo às marcas de emissão ou Casa de Moeda.

MOEDAS HISPANO-ROMANAS.

São as cunhadas durante a dominação romana, usando o sistema romano, embora trazendo tipos e legendas diversas.

Nelas se distinguem as pertencentes à República e ao Império. A primeira apresenta em Espanha notáveis diferenças, podendo-se dividi-las em três secções:

*Moedas republicanas da Espanha daquém fronteiras* ou simplesmente *tarraconense* (Espanha citerior).

*Moedas republicanas da Espanha dalém fronteiras* (Espanha ulterior), que abrange a moedagem pertencente à Bética e à Lusitânia.

*Moedas da época imperial*, que segue as anteriores e é comum às províncias da Espanha.

Na primeira, tôdas as moedas têm caracteres ibéricos e por essa razão, correspondem à série ibero-romana.

A segunda, de valor artístico inferior à precedente, apresenta séries distintas caracterizadas por legendas de alfabetos diversos entre si, compreendendo as moedas que se enquadram na tabela abaixo:

*Turdetana.*

*Romano-fenicias.*

*Libio-fenicia.*

*Latina* simplesmente.

MOEDAS IBERO-ROMANAS.

Nesta série estão compreendidas tôdas as moedas baseadas no sistema romano do *aes* e dos *denarios*, porém, com tipos e caracteres ibéricos.

O metal é o cobre ou o bronze com os valores do *dupondio*, *aes*, *semis*, *triens*, *quadrans*, *sextans* e raras vêzes a *uncia*.

Quanto à prata, só foi cunhada em vinte povoações e quase sempre em forma de denários.

No anverso a cabeça de Hércules ou de Minerva e no reverso, o cavalo ibérico, o Pégaso, a efígie e a proa de uma nave.

A legenda é ibérica, que parece indicar no anverso o nome da tribo ou localidade da emissão. Estas moedas apresentam freqüentemente no reverso umas letras ou glóbulos indicativos do valor.

A classificação racional desta série se faz por grupos de moedas semelhantes, empregando-se como critério a arte que nelas prevaleceu e também a proximidade da região a que provavelmente pertenceram. Conseqüentemente, estão divididas em três grupos:

- 1.º — de *Palas*, próprio das regiões das Ampúlias e Sagunto.
- 2.º — de *Hércules* e do cavalo ibérico, muito comum as regiões que cunharam moeda ibérica.
- 3.º — a efígie e triqueta dominante na região ibero-andaluza.

#### *Moedas turdetanas.*

São denominadas moedas *turdetanas* aquelas que compõe a segunda série ibero-romana, não só pela tribo a que pertencem, como pelo alfabeto turdetano ou ibérico da Espanha de além fronteiras que serviu como legenda para as suas peças mais consideráveis. São conhecidas também por moedas *oboleonenses*, por ser Obuleo a localidade mais próxima e importante onde foram batidas (hoje Porcima, Jaén).

Desta série são as moedas de Abra, localidade pouco distante de Obuleo. Estas últimas apresentam três valores distintos: o *dupondio*, o *aes* e o *semis*, juntando-se na série latina o *quadrans*, enquanto que as outras localidades só possuindo o *aes*, recorriam sempre que necessário a estas peças exclusivamente latinas.

O *dupondio* e o *aes* apresentam sempre uma cabeça feminina no anverso e um arado com uma espiga no reverso; no *semis* estas figuras são substituídas pelo cavalo. Na série latina a cabeça feminina é substituída pela de Apolo.

#### *Moedas romano-fenícias.*

Pertencem a esta série as que tendo alguma legenda púnica, estão todavia baseadas no sistema romano, diferenciando-se de outras similares e anteriores do sistema grego.

Os tipos mais comuns destas moedas têm no anverso cabeças mitológicas e no reverso figuras de atuns, delfins e espigas.

A arte de quase todas é pobre e decadente e as legendas trazem o nome de determinado lugar; no reverso geralmente caracteres fenícios.

#### *Moedas líbio-fenícias.*

Conhecidas também por *bástulo-fenícias* ou *tartésias*; distinguem-se por trazer às vêzes legendas no idioma líbio-fenício, hoje completamente desconhecido.

Sua arte é decadente e com muita frequência os seus exemplares apresentam uma cabeça varonil e no reverso o cavalo, o javali, a espiga ou uma roda.

Algumas vêzes notam-se nestas moedas inscrições latinas.

### *Moedas hispano-latinas da República Romana.*

Nesta série entram unicamente as que têm legendas latinas e que são anteriores às moedas do Império, ou que não trazem a figura ou o nome do imperador romano que lhe dá o caráter imperial.

Quase tôdas pertencem aos municípios da Bética e só determinadas cunhagens procedem da Espanha tarraconense. Por sua quantidade e variedade podem subdividir-se do seguinte modo:

1.º — moedas que continuaram em suas localidades respectivas os tipos indígenas antigos, tendo trocado unicamente a inscrição por outra inteiramente latina.

2.º — moedas de povos que sem cunhagem precedente, começaram com tipos indígenas e legendas exclusivamente latinas.

3.º — moedas de novos municípios ou coloniais, porém com tipos e legendas visivelmente romanas.

Ao primeiro grupo correspondem várias moedas de Cástulo, Obuleo, Bailo, Lascuta, Vesci, etc.

Ao segundo grupo as moedas pertencentes a outros povos da Bética, tais como Ursona (Osuna), Carmo (Carmoña), Onuba (Huelva) etc., e também algumas outras moedas de transição da série ibérica ou propriamente imperial que lavraram alguns municípios tarraconenses.

O terceiro grupo compreende as moedas cunhadas pelas colônias romanas, com tipos copiados das moedas de Roma, porém com a data anterior à época do Império. Entre elas as mais antigas são as de Cartéia (Algeciras) e Valentia ou Valência (171 a 138 a. C.).

### *Moedas hispano-imperiais.*

Esta série se distingue pelo retrato do imperador romano no anverso de quase tôdas as peças e pelo nome imperial com seus títulos que rodeia a figura, à semelhança das moedas imperiais romanas, diferenciando-se destas por faltarem as iniciais características "S. C." (*Senatus Consulto*), que ostentam os bronzes romanos de sua época e ainda por trazerem o nome da localidade que as cunhou, embora só constando a inicial.

Os valores destas moedas, que são sempre de bronze ou cobre, são idênticos aos do sestércio, dupôndio, aes e semis.

Os tipos mais comuns têm no anverso a cabeça do imperador ou de alguma personagem de sua família e no reverso o touro, junta de bois, corôa, nave, utensílios sacerdotais ou insígnias militares.



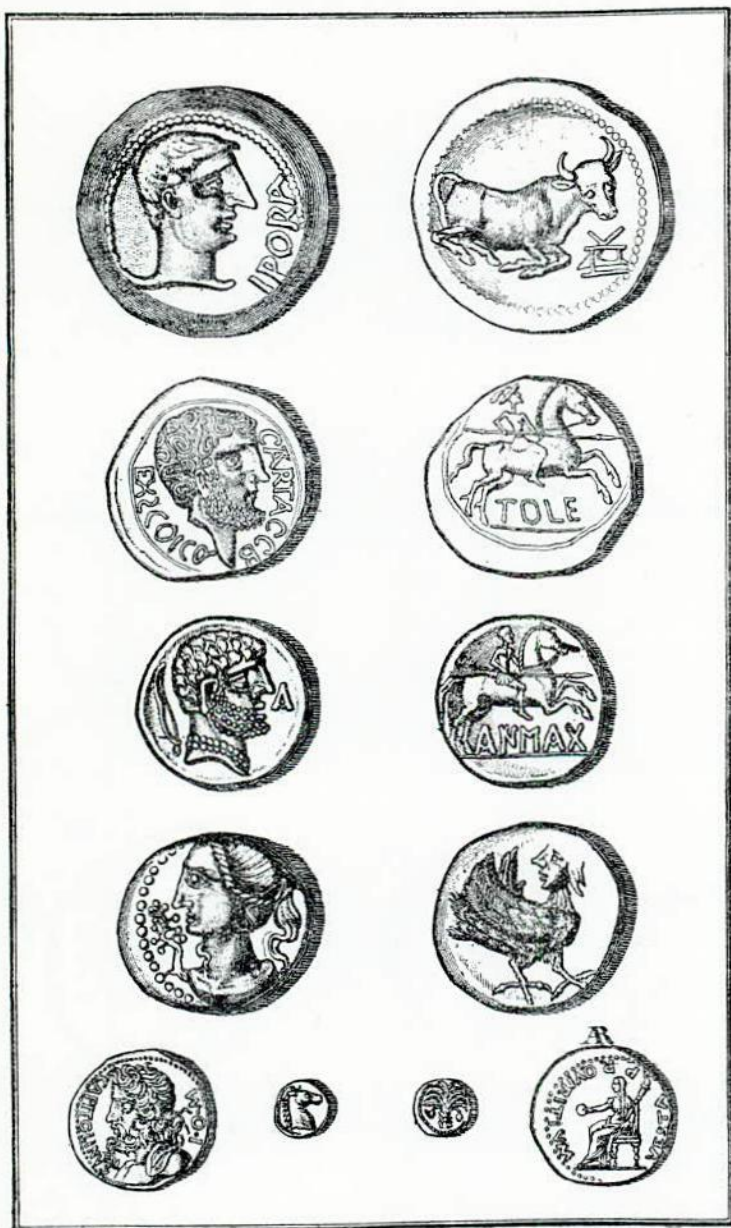


Fig. 3. — MEDALHAS DIVERSAS ANTIGAS.

1. — *Epora*, Montoro (em latim *Epora*). Cidade de Espanha, na Andaluzia.
2. — *Toletum*, Toledo.
3. — *Limia*, cidade dos Límicos, perto de Braga.
4. — *Pannonia*, medalhão do tipo gaulês ou céltico.
5. — Dinheiro consular da Família Petília.
6. — Moeda cartaginesa.



Figs. 4 e 5. — MOEDAS DA GUERRA SOCIAL.

1. — A Guerra Social ou guerra civil da Itália, eclodiu no ano 663 de Roma, 91 anos antes da era cristã, tendo durado 10 anos.
2. — Nero, alocução às coortes pretorianas. G. B.
3. — Augusto, medalhão cunhado em Mérita (Mérida) na Lusitânia.

As legendas do reverso são os nomes da cidade e de seus *duumviro*s, mais ou menos abreviados. Muitas destas peças se apresentam recarimbadas com pequenas figuras ou letras, o que faz pensar tivessem servido para outro fim, como *tesseras* ou fichas de teatro.

Queremos acrescentar como informação que o Museu Arqueológico Nacional de Espanha possui umas 6.000 moedas espanholas da Idade Antiga, mais de 7.000 da série grega e semítica e umas 47.000 da romana, num total de 60.000 exemplares (Idade Antiga), das quais mais de 1.000 em ouro.

### III

#### IDADE MÉDIA.

*Moedas suevas. Visigodas. Árábico-hispânicas. Do Califado de Córdoba. Dos reis de Taifas. Almorávidas. Almóadas. Nazaries.*

##### MOEDAS SUEVAS.

Com grande probabilidade se atribui aos suevos certas moedas bárbaras encontradas em Portugal e na Galiza (em espanhol *Galícia*) e que não se julga tenham pertencido a outros povos também bárbaros, isto porque suas emissões deviam ter começado no ano da invasão (411), para terminar com a perda de seus domínios, a Lusitânia e a Galícia, conquistadas pelos visigodos em 456 e 584, respectivamente.

Os tipos e legendas destas moedas imitam bárbaramente as últimas romanas e as primeiras bizantinas.

No anverso o busto do imperador, sem que figure nunca o do rei suevo, exceto o de Rechiário ou Riciário e este mesmo só aparece numa peça de prata do imperador Honório.

No reverso uma pequena cruz rodeada por uma corôa ou uma vitória, não existindo legendas, a não ser as letras que parecem indicar a cidade ou povoação que as emitiu.

##### MOEDAS VISIGODAS.

Não existe nenhuma moeda anterior a Leovigildo (567). Desde Leovigildo até Rodrigo existem moedas de todos os reis visigodos, menos de Recaredo II, com o nome próprio de cada um.

Os tipos são variados, quase sempre de formas grosseiras e algumas vêzes infantis, o busto ou somente a efígie do rei de perfil ou de frente, a figura da Vitória muito grosseira, uma cruz sôbre degraus, estrelinhas, flores, etc.

No anverso ordinariamente o nome do monarca seguido de *rex* e precedido de *in dei nomine*, quase sempre com a data.

No reverso o nome da cidade ou povoação emissora. O idioma das legendas é sempre em latim, mas a introdução com frequência é feita em letras gregas.



Fig. 6. — MOEDAS ESPANHOLAS DA IDADE MÉDIA.

*Reis visigodos.*

1. — *Witiza*, rei visigodo (701-711). Moeda cunhada em Gerona, antiga Gerunda (Catalunha).

*Moedas árabes.*

Califas Omiades do Oriente.

2. — *Oualid Ibn Abdo-L-Emelik* (ano 86 à 96 da Hégira) 705-715 de J. C.

#### MOEDAS ARÁBICO-HISPÂNICAS.

A moedagem do povo árabe começa com o seu domínio nas diversas regiões por eles conquistadas e se manifesta a princípio como simples cópia das moedas dos países submetidos ao Império.

Reportando-nos à numismática arábico-espanhola, que começa depois da batalha de Guadalete ou de Barbate, temos que dividí-la para o seu estudo, em dois grupos:

- a) *Moedas primitivas.*
- b) *Moedas dos Emires.*

#### *Moedas primitivas.*

São exemplares com caracteres somente latinos ou bilingües, desde o ano de 711 até 718 ou 720 da era cristã.

São raríssimos e toscos *dinares*, à semelhança dos africanos, grossos e de pequeno módulo. Como estes trazem numa das faces um arremedo da cruz sôbre degraus, parecendo os *sólidos* bizantinos; mas em lugar da verdadeira cruz como a conhecemos, está ela encimada por um globo ou por um "T", diferenciando-se dos exemplares africanos por trazerem uma estrelinha que ordinariamente está no meio da outra face da moeda.

A legenda é uma série de letras latinas, sem divisão de palavras, que se interpretam como profissão de fé muçulmana, sem contudo estar mencionado o nome de Maomé. Assim mesmo trazem a indicação da data e da cunhagem em Espanha ou na África, se a moeda fôr africana.

Nos últimos anos dêsse domínio aparecem algumas moedas bilingües parecidas com as anteriores, porém trazendo no centro de suas duas faces uma inscrição árabe, onde então surge o nome de Maomé.

Se a moeda é africana essa inscrição aparece em árabe; se a moeda se apresenta com tôda a legenda árabe de um lado e latina no outro, ela foi lavrada na Espanha.

#### *Moeda dos emires.*

Depois do ano 720 da nossa éra a moeda arábico-hispânica adquire definitivamente o tipo que tinha no Oriente desde o ano 695, sem que nas legendas, contudo, figure nome algum dos representantes públicos, isto até fins do século IX.

Cunharam-se nos três metais na Casa da Moeda da Andaluzia (Córdoba); desde o ano 724, porém, a cunhagem em ouro terminou por exigências do califa de Damasco, quando começou também a escassear a moedagem de prata, abundando em compensação, a moeda de cobre.

#### MOEDA DO CALIFADO DE CÓRDOBA.

Depois de proclamado Califa do Ocidente, Abederramão III começou a lavar moeda nos três metais, escrevendo nas legendas seu nome e títulos de soberania, costume seguido depois pelos demais califas.

As peças características dêste grupo são os *dirhemes*, com traços semelhantes aos da época precedente.

Na legenda central de uma face figura a profissão de fé muçulmana e na orla, no mesmo lado, a data da cunhagem e o nome da Casa da Moeda, seguindo-se a frase: *Em nome de Alá foi cunhado este dirhem*; na outra face está inscrito o nome do califa e seus títulos, seguido do nome de outro funcionário, e em tôrno a missão de Maomé expressa por esta frase nem sempre completa: *Maomé é enviado de Alá, envôlto com a direção e religião verdadeira*.

Parecidos com os *dirhemes* por suas legendas são os *dinares* e feluses; os primeiros tem caracteres de escritura mais fina e os feluses somente estão cunhados em nome de Abderramão III.

As Casas da Moeda indicadas nos exemplares do Califado são: Al-Andalus e Medina-Az-Zahara.

No declínio do Califado aparecem também as moedas lavradas em Granada, Málaga e Ceuta.

#### MOEDA DOS REIS DE TAIFAS.

Os reis de Taifa cunharam moedas por sua própria conta: *dinares* e *dirhemes*.

Os *dirhemes* eram de prata de boa lei e circularam durante dez anos e os de prata de *baixa lei*, nos dez anos seguintes; as moedas de bilhão no terceiro decênio, terminando na moedagem de cobre quase puro.

Tadavia, são conhecidos exemplares de moedas anônimas, a maior parte trazendo o nome *del reyzuelo*.

#### MOEDA DOS ALMORÁVIDAS.

Estas moedas se distinguem das anteriores pela finura do cunho, exatidão do pêso, aparte sua boa legenda e seu módulo pequeno nas de prata. São denominadas *quirates*, por serem de prata muito fina, com o pêso de 1 grama, tendo pouco mais ou menos um centímetro de diâmetro. Devido ao seu pequeno tamanho, trazem somente uma pequena legenda em sentido horizontal.

O *quirate* está dividido em: *meios*, *quartos*, *oitavos* e 16 *avos de quirate*.

Os *dinares*, que apenas chegaram a pesar 4 gramas, trazem a inscrição central dentro de um círculo.

Cunharam moedas desta espécie, além das Casas da Moeda já citadas anteriormente, também as de Baez, Játiba e Mértola.

#### MOEDA DOS ALMÓADAS.

Estas moedas são quase tôdas de ouro ou de prata de boa lei. As de ouro se distinguem por trazerem um quadrado inscrito dentro de uma circunferência e as de prata por serem quadradas. As legendas são sempre em sentido horizontal nas moedas de prata e dentro de um quadrado central, nas moedas de ouro.

umas e outras não trazem datas e somente algumas trazem o nome da cidade que as emitiu.

As peças típicas de ouro são conhecidas com o nome de *dinamines* ou *semidobras*, tendo de pêso 2,30 grs.

Acima do *dinamin* está a *dobra* de duplo pêso, ou seja 4,60 grs.

Os *dirhemes almóadas* pesam 1 grama e meia mais do que os *almorávidas*.



Fig. 7. — MOEDAS ESPANHOLAS DA IDADE MÉDIA.

Moedas dos reis de Granada.

1. — *Abou Abdollah Mohammed ibn Naçr*. Grande dinar ou dobrão de ouro cunhado em Granada. (629 à 671 da Hégira). 1231 à 1272 de J. C.
2. — *Mohammed Ibn Jussuf*. Grande dirhem quadrado sem nome do lugar de cunhagem (755 à 760 da Hégira). 1354 à 1359 de J. C.
3. — *Mahommed Ibn-Naçr*. Grande dirhem de forma redonda cunhado em Granada.
4. — Abreviações e palavras inscritas na moedagem árabe, de difícil leitura.



MOEDA NAZARIES.

Na decadência do Império Almóada, alguns príncipes mu-sulimes formaram Estados independentes à semelhança dos reis de Taifas, cunhando moeda parecida com as dos Califas almóadas, de uma maneira geral.

Entre os demais, destacou-se o reino de Granada com sua di-nastia *nazari* ou *nazerita*. Suas moedas de ouro e prata seguem o mesmo tipo que as dos almóadas. As peças de ouro e muitas vêzes as de prata, trazem o nome do rei e de seus antepassados até a quinta ou sexta geração.

(*Continua no próximo número*).

**ÁLVARO DA VEIGA COIMBRA**

da Sociedade Numismática Brasileira.